

A FOTO-SEQUÊNCIA NO AUXÍLIO AO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO EDUCACIONAL

The photo sequence as a support for teaching geography: a view on inclusion in education

Roberto Souza Ribeiro¹

RESUMO

O intuito deste artigo é a descrição e a análise de um processo de estudo desenvolvido no Estágio-Docência em nível de Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Santa Catarina, disciplina GCN - Cartografia Escolar, oferecida pelo Curso de Graduação em Geografia, cujo foco é a temática da imagem, especificamente a fotografia e a foto-sequência. Além de apoiar-se na pesquisa bibliográfica efetuada, esse estudo fundamentou-se numa pesquisa em nível de mestrado direcionada ao uso da foto-sequência como recurso metodológico na geografia escolar, tendo como um de seus flancos a temática da inclusão educacional em geografia. Também buscou subsídios em um estudo realizado pelo grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) concernente a metodologias visuais em geografia, mais especificamente o uso da foto-sequência. O estudo discute a importância da utilização da imagem numa geografia que se quer inclusiva e conclui pela necessidade de atribuir o devido *status* às imagens no âmbito da ciência geográfica.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Metodologias visuais em Geografia. Inclusão educacional.

ABSTRACT

The present paper describes and analyses the study processes developed during a teaching internship (Master's Program in Geography, University of the Santa Catarina, seminar on scholar cartography) whose focus was the image, specifically photographs and photo sequences. This study was inspired by a specific bibliographic framework and based on a research project that aimed to study the utilization of the photo sequence as a methodological tool for school geography, with the thematic focus on the educational inclusion in geography. We also leaned on a study, carried out by a research group at the Federal University of Rio de Janeiro University (UFRJ) that dealt with visual methodology in geography, specifically the use of photo sequences. This study discusses the importance of the utilization of the image in a form of geography that ought to be inclusive, concluding that there is a necessity to assign a specific status to images in the scope of the geographic science.

Keywords: Teaching Geography. Visual methodologies in Geography. Educational inclusion.

¹ Geógrafo, educador e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). rsribeirogeografo@hotmail.com.
 ✉ Departamento de Geociências, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Campus Universitário, Trindade. 88040-900. Florianópolis, SC.

INTRODUÇÃO

Incursionando pela temática da inclusão educacional dialogaremos, neste artigo, com as potencialidades da imagem sequencial no ensino de geografia escolar, bem como debateremos sobre algumas questões pertinentes à imagem quando trabalhada geograficamente, esperando contribuir com os profissionais da área que necessitam de uma metodologia diferenciada na educação geográfica. O trabalho analisa um processo de estudo desenvolvido no Estágio-Docência em nível de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na disciplina de Cartografia Escolar oferecida pelo Curso de Graduação em Geografia relativo à quinta fase. Apresentando conceitos e pensadores que dialogam cientificamente com tal campo de estudo, terá como foco o tema da imagem no campo da geografia, mais especificamente a fotografia e a foto-sequência. Serão discutidos conceitos, características e interpretações desse objeto de estudo, correlacionado à geografia inclusiva. Também é objetivo deste trabalho debater sobre as diferentes demandas concernentes ao ensino de geografia para todos, dialogar sobre como os processos de ensino estão sendo utilizados com sujeitos portadores de necessidades especiais, visando à conquista da individualidade social. Embasado em estudos elaborados pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que desenvolve pesquisas relativas às metodologias visuais aplicadas à geografia, entendemos a temática da fotografia como um campo específico da imagem em seu sentido amplo e, portanto, nele incluso. Assim sendo, a fotografia será descrita como um processo metodológico. Por esse motivo a contribuição deste trabalho será a de apresentar a geografia como campo intimamente vinculado à produção de imagens do mundo,

dialogando sobre os principais elementos envolvidos na interpretação e produção de imagens com base numa abordagem geográfica. Cabe ressaltar que buscamos sempre uma reflexão acerca da necessidade de inclusão escolar a todos aqueles que a demandarem.

Ainda pretendemos discutir sobre como a imagem atual pode servir de método de estudo no âmbito da geografia escolar, mas para efetivarmos nossa proposta de utilização da foto-sequência em sala de aula pela perspectiva da inclusão social. Para a consecução dos objetivos a que nos propomos, necessitamos de antemão de um embasamento teórico relativo ao conceito de imagem e de sua análise. Porém, antes da descrição teórico-metodológica faz-se necessário focalizar o termo em seus aspectos etimológicos.

IMAGO, IMAGINĀRE, IMAGEM E A GEOGRAFIA

Na busca conceitual relativa à palavra imagem, deparamo-nos com um amplo campo de abordagens, quase que inacessível dada à abrangência e sua complexidade, algumas semelhantes entre si, outras nem tanto. No campo da etimologia, a palavra imagem sofre novamente distintas denominações entre diferentes civilizações e períodos históricos. Aqui nos embasaremos no conceito descrito pelo dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antonio Geraldo da Cunha, no qual encontramos:

Imagem **sf.** 'Representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc.' 'Reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu' 'reflexo de um objeto no espelho ou na água' 'figura, comparação, semelhança' | XIII, **ymagen**, XIII, **omagen** XIII, **imagêe** XIV etc. | Do lat. **Imago-ginis** || **imaginação** XIV. Do lat. **Imaginatto-ōnis** || **imaginante** 1881 || **imaginar** | **emaginar** XIV, **enmaginar** XIV etc. Do lat. **Imagināre** || **imaginário** XVI. Do lat. **Imaginārius** || **imaginativa** **sf.** 'arte de fazer imagens'

XVI. Do lat. **Imaginōsus** || **imagismo** XX. Do ing. **Magism**, de **image** 'imagem' deriv, do fr. **Image** e, este, do lat. **Imago- ginis** || **imagista** XX. Do ing. **Imagisit** || **imago** XX. (CUNHA, 2007, p. 425).

Como vemos, o termo imagem possui sua gênese no Latim (*imago-ginis*). Observemos que o termo expressa a capacidade de formar uma imagem mental de algo, já pela derivação de **Imago** "imagem representação" da mesma raiz de **imitari**, "copiar, fazer semelhante". Essa capacidade de formar uma imagem mental de algo ou de copiar, fazer semelhante, contempla um ideal peculiar à Geografia. Voltando-nos à epistemologia da Geografia, a imagem sempre esteve presente nos métodos de análise geográfica. Na geografia moderna de Karl Ritter e Alexander von Humboldt dentre tantos outros, por exemplo, pensar a geografia como ciência se deu pelo estudo do sistema natural das relações espaciais como objeto da geografia - a imagem vista ou grafada passou a integrar um processo empírico de corroboração de seus métodos de análise. Pensando a imagem por um prisma geográfico, recorreremos aos estudos de Martine Joly para obtermos maior entendimento dos conceitos e significados pertinentes, sua diversidade e significação quando se ousa analisar. Joly escreve que

O termo imagem é tão utilizado, com tantos tipos de significação sem vínculo aparente, que parece bem difícil dar uma definição simples dele, que recubra todos seus empregos. De fato, o que há de comum, em primeiro lugar, entre um desenho infantil, um filme, uma pintura mural ou impressionista, grafites, cartazes, uma imagem mental, um logotipo, "falar por imagens" etc.? O mais impressionante é que, apesar da diversidade de significações da palavra, consigamos compreendê-las. Compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a

imagem passa por alguém que a produz ou reconhece. (JOLY, 1996, p. 13).

Diante de tanta diversidade, como "reconhecemos" as imagens trabalhadas pela geografia? Os mapas, cartas, paisagens, seja qual for a imagem em análise, têm a função de dar suporte ao entendimento do espaço geográfico, mas nem sempre a imagem que ampara a análise do espaço é pertinente ao tempo histórico em estudo.

É como analisa Jacques Aumont:

Se a imagem contém sentido, este deve ser lido por seu destinatário, por seu espectador: é todo o problema da interpretação da imagem. Todos sabem, por experiência direta, que as imagens, visíveis de modo aparentemente imediato e inato, nem por isso são compreendidas com facilidade, sobretudo se foram produzidas em um contexto afastado do nosso (no espaço ou no tempo, as imagens do passado costumam exigir mais interpretação). (AUMONT, 1993, p. 262).

Então quais são os procedimentos de análise de uma imagem pela geografia?

De antemão, podemos afirmar que, ao levarmos em conta um determinado espaço geográfico, estamos nos amparando em algum tipo de imagem real ou não, tecnológica ou artística.

No estudo em questão, para efetuar uma análise da imagem no campo da geografia foi necessário refletir acerca dos alunos que participaram da foto-sequência como espectadores de um espaço geográfico temporal. Tivemos que pensar na aplicação da foto-sequência como um método pedagógico em sala de aula. Buscamos referências a respeito das potencialidades das imagens, sobre suas especialidades e temporalidades, tanto cognitivas quanto aplicativas. Essas referências nos deram suporte para a compreensão de quão vasto é o ramo do

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

conhecimento no que diz respeito às imagens, e o quanto os estudos que tratam do tema dizem respeito também à geografia. No âmbito da geografia, os estudos focalizados na contribuição das imagens em geral, embora não tão vastos assim, atualmente estão ganhando maior visibilidade. Buscando embasamento sobre as diferentes utilizações da imagem nos métodos geográficos, recorreremos a Wenceslao Machado de Oliveira Jr. que realiza uma abordagem relativa às imagens e à geografia de forma bem esclarecedora:

Vertentes mais recentes, como a Geografia Cultural e a Geografia Humanística, passaram a tomar para si as imagens com fenômeno de interesse geográfico, partindo do princípio de que elas atuam fortemente na atual partilha do sensível, realizada também nas narrativas em imagens acerca do mundo no qual vivemos (OLIVEIRA JR., 2009, p. 18).

Compreender o mundo ao qual pertencemos é buscar definições e explicações geográficas sobre nossas maneiras de nos relacionarmos com o espaço, entendermos as formas de organização social ao longo do tempo e do espaço. Por sermos uma sociedade em constante reorganização, transformação e adaptação, o espaço geográfico também o é, assim, recorrer à análise da imagem no âmbito geográfico faz-se necessário para obtermos maior compreensão sobre em que e como estamos nos modificando enquanto sociedade.

As transformações espaciais ocorrem constantemente - neste momento de sua leitura é bem provável que esteja ocorrendo algo em algum espaço mundial, transformando alguma estrutura sócio-espacial. Desse modo, é importante sabermos como podemos estruturar tais conceitos geográficos, estáticos ou não, em um contexto histórico atual. Recorrer às imagens pode ser um auxílio; as representações em forma de imagens podem nos fornecer um embasamento prévio

de diferentes realidades com as quais não possuímos afinidade, ou até mesmo das quais ainda nós não possuímos conhecimento. Nós, geógrafos, somos espectadores desta grande peça teatral que é o mundo – seja ela física ou social - e buscar respostas para nossas vivências não é nenhuma novidade no campo da geografia. Para um maior entendimento dessas questões faz-se pertinente o comentário de Maria Helena Braga e Vaz. V. da Costa: “[...] o espaço de representação tem o potencial de estruturar geograficamente a paisagem e a experiência dos personagens e, por extensão, a vivência do espectador” (COSTA, 2009, p. 113).

Ao dialogarmos com a temática imagem também estamos de alguma maneira, abordando a questão da representação, pois como espectadores de uma imagem, cada um de nós a interpreta pela sua vivência. Estamos inseridos em uma representação espacial, assim, faz-se necessário compreendermos melhor o que significa “representar” uma vez que o conceito de representação possui uma essência difusa, e recebe diferentes denominações em diferentes áreas da ciência. Utilizaremos a palavra representação de acordo com a definição de Aumont em que observamos estreita relação com a representação necessária para uma análise geográfica. Aumont (1993, p.104) afirma que

De fato, a noção de “representação” e a própria palavra estão carregadas de tantos estratos de significação acumulados pela história, que é difícil atribuir-lhes um único sentido, universal e eterno. Entre uma representação teatral, os representantes dos povos na câmara, a representação fotográfica e pictórica, há enormes diferenças de status e de intenção. Mas de todos esses usos da palavra, pode-se reter um ponto comum: a representação é um processo pelo qual se institui um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar do que representa (AUMONT, 1993, p. 104).

Tomar o lugar do que se representa não parece nenhuma novidade para a geografia, mas obter essa aptidão com as imagens trabalhadas no processo de ensino e aprendizagem faz parte de um avanço que diz respeito a um tempo não tão pretérito assim. Ao pensar a representação por um prisma mais geográfico, ou melhor, ao tomar o lugar da imagem como uma representação geográfica, importa fundamentar-se na descrição feita por Oliveira Jr. ao refletir acerca do que seria a representação de como **estar no lugar de**:

Representar aqui, está no sentido de **estar-no-lugar-de** e não de **ser-o-mesmo-que**. No entanto, notadamente no que se refere às fotografias, aos filmes e às obras televisivas, esta distinção é quase sempre apagada, um sentido tornando-se outro... (OLIVEIRA JR., 2009, p. 21, grifos do autor).

Essa descrição do significado de representação vai ser útil ao começarmos a prática de nossa proposta da aplicação da foto-sequência. Não teremos a ambição de discutir sobre as funções cognitivas e psicológicas pertinentes ao tema, mas sim sobre como uma análise representativa de uma imagem pode fornecer potenciais para um estudo geográfico espacial. Poderíamos, neste artigo, aprofundar mais a discussão sobre a relação entre imagem e geografia, mas este não é o foco do trabalho. Mesmo assim, cabe salientar que ao fazer uso das imagens – seja em pesquisas, em aulas, ou consultorias – faz-se necessário compreender alguns dispositivos de interpretação e aplicação de uma imagem, independentemente de sua metodologia ou função. Assim, partiremos agora para uma breve descrição da relação entre fotografia e ensino de geografia, que corresponde ao nosso foco de estudo.

FOTOGRAFIA: REPRESENTAÇÃO DE UMA GEOGRAFIA

A imagem fotográfica, como traço do real, sucinta fenômenos de crença inéditos até o momento de sua invenção. Mas Barthes vai mais longe: não apenas acreditamos na foto, na realidade do que a foto representa, mas esta última produz uma verdadeira relação sobre o objeto representado. A "foto do fotógrafo" implica encenação significativa que tem de ser decodificada pelo espectador de modo cognitivo; mas a foto do espectador acrescenta a essa primeira relação uma relação plenamente subjetiva, em que cada espectador se investirá de formas singulares ao apropriar-se de certos elementos da foto que serão, para eles, como pequenos pedaços destacados do real.

Jacques Aumont, 1993.

Não pretendemos aqui questionar se uma imagem fotográfica representa ou não a realidade – pois existem muitas controvérsias em diferentes orientações teóricas – mas, sim, como a imagem fotográfica pode ser um elemento de intervenção nos estudos geográficos, como cada indivíduo apropria-se de elementos de seu cotidiano ao analisar uma imagem. Esse reconhecimento prévio de um espectador sobre uma imagem representa nosso objetivo de estudo ao aplicarmos a foto-sequência em sala de aula. Mas antes torna-se imperativo expor o que entendemos como foto-sequência.

O uso aplicativo didático que aqui explanaremos sobre a foto-sequência fundamentou-se em parte na oficina: "Metodologias Visuais Aplicadas à Pesquisa dos Espaços Públicos", ministrada pelo Grupo Território e Cidadania da UFRJ e promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, no ano de 2011. No campo conceitual não há uma definição teórica relativa ao processo de

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

utilização das fotografias sequenciais, porém a utilização dada à foto-sequência neste trabalho corresponde a uma adaptação do método idealizado no curso por meio do qual tivemos acesso a esse processo.

Entendemos como foto-sequência a utilização sequencial de fotografias em um roteiro linear ou não, em que as sequências imagéticas irão dar suporte ao conhecimento de conceitos e demandas trabalhadas pela geografia escolar. Em nossa proposta trabalhamos com as fotografias como parte de um processo didático, focado no aprendizado da Geografia escolar, sendo que a chave desse processo é de que cada aluno produza sua própria foto-sequência.

Acreditamos que ao produzir uma imagem fotográfica sequencial, seja quem for, estará fazendo uma leitura de um espaço geográfico pela utilização de seus conhecimentos prévios. No que diz respeito aos conhecimentos prévios do espectador em relação à imagem, existe uma gama de estudos pertinentes em que se destacam autores como Susan Sontag, Martine Joly, René Gardies, Gilles Deleuze, mas no campo geográfico as referências ainda não são tão vastas assim. Propondo uma visão geográfica da questão, recorreremos novamente a Oliveira Jr. que aborda a importância relativa ao modo de pensarmos a realidade, amparando-nos nas imagens, que, no espaço geográfico, tanto podem ser entendidas como uma linguagem como objetos culturais:

A presença das imagens é de grande importância no modo como pensamos e agimos na realidade, no espaço geográfico. Essas imagens podem ser tomadas tanto como parte das práticas discursivas – signos de uma linguagem –, quanto como objetos do mundo – obras da/cultura (OLIVEIRA JR., 2009, p. 18).

Entendemos que tanto no papel de signo de linguagem tanto como objeto de uma cultura, a imagem dependerá da visão de mundo de

cada espectador, colhida de sua realidade circundante. Quando adentramos, por exemplo, em uma sala de aula e perguntarmos para nossos alunos como é o sertão nordestino, recebemos quase sempre as mesmas respostas: “**é seco, tem pobreza, não há água, não tem nada**”. Como eles adquiriram esses conhecimentos? Podemos dizer que grande parte desse conhecimento vem de imagens fotográficas utilizadas pelos professores de geografia, cujas representações das paisagens e espaços se dão por cenários estereotipados. Sim, no sertão pode haver falta de água, mas é só isso? Tentando inibir esse tipo de imagem geográfica estereotipada, acreditamos que a utilização da foto-sequência pode servir como mais uma metodologia de ensino, em que o próprio aluno representa e apresenta o espaço geográfico por sua visão que precisa ser alargada para além daquilo que a imagem representa. O aluno ao saber que a fotografia enquadra algo e exclui muitos outros elementos, já terá a noção de que nem tudo representado em uma imagem representa o todo daquilo fotografado. Oliveira JR. observa que

Podemos concluir que o grau de credibilidade das imagens - bem como o conteúdo confiável de cada imagem - é resultado de um processo complexo, no qual perpassam a natureza da imagem obtida por procedimentos mecânicos ou eletrônicos; a característica de representação da atualidade das imagens: e o compromisso com a verdade, assumido pelo contexto de comunicação onde essas imagens aparecem, seja numa conversa entre amigos, um telejornal, um livro didático, um artigo científico. Mas a credibilidade não se ampara somente nesse tripé: penetra a própria linguagem com a qual as imagens são criadas ou postas narrativamente. (OLIVEIRA JR., 2009, p.22).

A citação acima nos permite refletir acerca da “verdade” imposta pela imagem, em virtude da proposta carregada de intencionalidades e

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

muitas vezes tendenciosa por parte de quem a repassa. A credibilidade de uma imagem não está somente nos elementos que dela fazem parte, mas também no contexto, no focar e excluir dos cenários. Justificamos nossa proposta de aplicação da foto-sequência - logo adiante descrita em seu processo metodológico pelo anseio de que fomos tomados por não concordarmos com grande parte das imagens fotográficas apresentadas nos livros didáticos de geografia. Estas, entendemos, possuem uma credibilidade um tanto quanto questionável, os cenários focalizados nessas representações estão generalizando e excluindo grande parte das culturas locais brasileiras. A imagem de um espaço geográfico normalmente apresentada é "real", mas não contempla a realidade espacial como um todo, e isto é a peça chave deste estudo. Até-m-se ainda em demonstrar como podemos representar aquilo que focamos, e até mais, em uma análise de imagem, como podemos "visualizar" elementos ausentes nela, buscando refletir sobre a construção das memórias presentes nas imagens, enfim, buscar refletir sobre a construção dessas representações. Joly relata, abaixo, de forma bem esclarecedora como as crenças, realidades e memórias presentes nas imagens, nos servem de auxílio no estudo das imagens em um âmbito geográfico:

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitua uma **mensagem para o outro**, mesmo quando esse outro somos nós mesmos. Por isso, uma das precauções necessárias para compreender da melhor forma possível uma mensagem visual é buscar para quem ela foi produzida. (JOLY, 1996, p. 55, grifo do autor).

Como vemos, não é simples buscar o entendimento da realidade dentro de uma análise imagética, e talvez isso se torne cada vez mais difuso em razão da complexidade do mundo moderno, mesmo que as possibilidades de obtenção de imagens aumentem em decorrência dos avanços tecnológicos. Por outro lado, a imagem nos fornece diferentes eixos de interpretação e análise do espaço geográfico, fornecendo-nos novos olhares e conseqüentemente novas conclusões sobre diferentes demandas. Sobre essa relação entre realidade e real, buscamos os dizeres da Valéria Cazetta para termos uma maior elucidação da questão abordada:

As imagens materializam e congelam momentos de nossa imaginação acerca do mundo. Elas nos dizem como podemos capturá-lo, ainda que parcialmente, por meio de aparelhos. Nos dias atuais, as possibilidades de obtenção de imagens sobre o real, sejam de que tipos forem, aumentaram sobremaneira e, por conseguinte, também os dizeres sobre o real ou realidade (CAZETTA, 2009, p. 72).

O fato é que não estamos dando vez para as potencialidades das imagens, nem aos alunos para produzirem suas imagens geográficas. No âmbito da fotografia ocorre o mesmo. Quando um aluno vê repetidamente imagens relativas à poluição ambiental, aos rios sujos, ao tentar reproduzir tal imagem relativa à geografia, seu foco será o mesmo rio sujo, ainda que no lugar onde ele viva o rio não seja poluído ou não haja rio algum. Neste caso, onde fica a pureza da percepção local? Onde ou como os alunos representam seu cotidiano? Portanto, podemos nos basear na descrição feita por Susan Sontag que questiona a pureza, ou melhor, a credibilidade de uma fotografia para refletirmos sobre o quanto ainda as fotografias ganham *status* de verdade: "O fato de uma fotografia ser louvada por sua pureza e honestidade indica que quase toda fotografia, certamente, não é pura" (SONTAG, 1981, p 84).

O PROCEDIMENTO DA FOTO-SEQUÊNCIA

Nesta proposta de aula utilizamos como metodologia o processo de ensino de geografia ao qual tivemos contato ao cursar a oficina, conforme já mencionado, coordenada pelo professor doutor Paulo César da Costa Gomes (da UFRJ) que se utiliza de estudos relativos às imagens vinculadas aos conceitos geográficos, tendo como foco a questão dos espaços urbanos. No Quadro 1 apresentamos o quadro relativo ao processo metodológico desenvolvido no decorrer da oficina ministrada. Cabe destacar que também seguimos esta estrutura ao aplicarmos a metodologia no Estágio-Docência aqui em pauta.

Quadro 1 - Interpretação e produção de imagens: o olhar geográfico
Apresentação: elementos gerais da linguagem audiovisual
Exercício 1: Interpretação de imagens fixas
Exercício 2: Interpretação de foto-sequências
Exercício 3: Produção de foto-sequências
Discussão do Exercício 3

Fonte: Grupo de Pesquisa da UFRJ: Metodologias visuais em Geografia, 2011

Ressaltamos que apesar de seguirmos a estrutura metodológica apresentada, configuramos novos formatos para aplicarmos nossa proposta de trabalho, algo aceitável e até recomendável didaticamente, pois se trata de adaptar metodologias à realidade de cada situação educacional.

Durante nossa proposta de aplicação da foto-sequência, propusemos aos alunos participantes o desafio de elaborarem suas próprias fotografias-sequências. Não indicamos uma temática obrigatória para a confecção das fotografias, mas sugerimos como tema central a inclusão educacional no âmbito da Geografia. Percebemos as dificuldades pelas quais os alunos de Licenciatura em Geografia

passaram ao serem expostos a tal desafio e concluímos o quão é importante levantar essas discussões no espaço acadêmico.

Buscamos discorrer sobre novas metodologias no ensino de geografia, acreditando na necessidade de construirmos uma inclusão escolar. Essas novas linguagens, maneiras, jeitos de trabalhar podem contemplar grande parte das dificuldades que os professores tendem a encontrar no momento de realizar seus planejamentos de aula, sobretudo no que diz respeito à tentativa de suprir as distintas dificuldades pessoais de cada educando.

Apoiamo-nos na fotografia para esta proposta de ensino por acreditar que atualmente grande parte das fotografias que são trabalhadas no âmbito do ensino de geografia possui um caráter estereotipado de análise. E que, para selecionar uma imagem para o nosso planejamento de aula, faz-se necessário pensarmos sobre como iremos aplicar este recurso, analisá-lo e contemplá-lo. Para visualizarmos melhor essa análise de uma imagem recorreremos novamente a Joly, que trata o assunto de forma bem esclarecedora:

[...] a análise da imagem, inclusive da imagem artística, pode desempenhar funções tão diferentes quanto dar prazer ao analista, aumentar seus conhecimentos, ensinar, permitir ler ou conceber com maior eficácia mensagens visuais (JOLY, 1996, p. 47).

As imagens-sequências já fazem parte de todo indivíduo que pertence ao sistema global de consumo, através da propaganda, dos quadrinhos e da TV, entre outras modalidades. Na escola, as imagens produzidas pelos próprios alunos quase nunca fazem parte de um processo metodológico de ensino. Acreditamos que o aluno, tendo a oportunidade de debater conceitos geográficos com base em sua produção imagética por meio de uma foto-sequência,

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

poderá representar e representar-se diante do espaço geográfico que está focando e, assim, ampliar sua capacidade pela análise de outras linguagens, conseqüentemente, desenvolvendo novos conhecimentos. Utilizamos a referência descrita nos PCN de geografia para mostrar algumas das possibilidades de utilização da imagem na geografia escolar.

A Geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. Na escola, fotos comuns, fotos aéreas, filmes e gravuras, e vídeos também podem ser utilizados como fontes de informação e de leitura do espaço e da paisagem. É preciso que o professor analise as imagens na sua totalidade e procure contextualizá-las em seu processo de produção, e tomar esses dados como referência na leitura de informações mais particularizadas, ensinando aos alunos que as imagens são produtos de trabalho humano, localizáveis no tempo e no espaço, cujos significados podem ser encontrados de forma explícita ou implícita (BRASIL, 1998, p. 78).

Confiamos que a foto-sequência como procedimento metodológico pode propiciar ao aluno o contato com novas linguagens ao estudar Geografia. O aluno ao obter autonomia em confeccionar sua sequência, certamente já estará exercitando novos meios de interpretar o espaço geográfico. Uma potencialidade da imagem sequencial que podemos descrever é a de levar o aluno a relacionar o visual com seus conhecimentos escolares geográficos, representar-se diante de um espaço cotidiano, abordando temáticas de distintas ordens, do local ao global, como menciona Sontag: "A fotografia implica, de nossa parte, um conhecimento e uma aceitação do mundo tal como a câmara registra. O que, porém, é o contrário do entendimento que já começa por não aceitar o mundo tal como ele é" (SONTAG, 1981, p. 22).

Esta proposta pode ser trabalhada com conceitos geográficos em diferenciadas escalas de análise - local ou global - na leitura de paisagens, mas sempre o aluno expõe seu foco, trazendo sua visão do conteúdo abordado, representando o mundo com base em seus conhecimentos culturais pertinentes ao conteúdo trabalhado.

Assim, a fotografia aqui sugerida como meio e não um fim em si mesma, reveste-se de um caráter de contribuição à compreensão e à tolerância ao espaço, levando à possibilidade de investigar determinado instante apreendido pelas lentes do fotógrafo, trabalhando impulsos das pretensões cognitivas da visão. O trecho abaixo é esclarecedor nesse sentido:

A fotografia não reproduz simplesmente o real, recicla-o, um processo-chave na sociedade moderna. Na forma de imagens fotográficas, novos usos são atribuídos às coisas e eventos, novos significados lhe são dados, os quais vão além da distinção entre o belo e o feio, verdadeiro e falso, útil e inútil, bom gosto e mau gosto. A fotografia é um dos principais instrumentos para a obtenção daquela qualidade, que apaga tais diferenças, adstrita às coisas e situações (SONTAG, 1981, p. 167).

Essa passagem nos faz pensar sobre a importância de projetar novas didáticas pertinentes aos processos de ensino e aprendizagem da Geografia escolar, pela utilização dos recursos tecnológicos disponíveis, a fim de minimizar a exclusão do conhecimento. Tomamos como referência um trecho de Oliveira Jr. buscando dar à imagem não só uma dimensão pedagógica, mas também inclusiva:

No campo da Educação, desde Comênio, as imagens aparecem como tendo potência educativa. Nos tempos atuais, elas não mais aparecem apenas como partícipes da criatividade e da eficiência das ações didáticas, mas também, sobretudo tendo em si mesmas uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e de pensamento, como o afirmam autores tão

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

díspares e tão próximos quanto Deleuze e Pasolini (OLIVEIRA JR., 2009, p. 18).

Interpretando as ideias acima pela perspectiva de uma **Geografia Inclusiva**, e diante de todas as dificuldades que temos ao nos espacializarmos em nosso dia a dia, cabe ressaltar que a inclusão aqui pretendida não diz respeito somente aos alunos com necessidades especiais, mas também aos que não possuem oportunidades de concluir sua formação no ensino fundamental no prazo estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC), ou aos que não conseguem desenvolver suas habilidades de leitura sobre uma imagem por falta de orientação e oportunidade. No próximo item nos distanciaremos um pouco da questão das imagens para explicarmos melhor o conceito de inclusão aqui proposto.

UM OLHAR DA GEOGRAFIA PARA A INCLUSÃO

Cabem, pelo menos, duas perguntas em um país onde a figura do cidadão é tão esquecida. Quantos habitantes, no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que não o são?

Milton Santos, 1987

Às interrogações de Milton Santos não há o que responder, e sim questionar ou responder com outras interrogações: de que modo a Geografia como ciência pode servir para atenuar as desiguais condições sociais? Como contribuir para minimizarmos a realidade citada pelo autor? Um olhar da Geografia pela perspectiva da Inclusão pode estar mais de acordo com uma pergunta, do que com uma afirmação. Com isso buscamos responsabilizar a Geografia como ciência, a fim de que se empenhe na busca de respostas frente às desigualdades que

vivenciamos, sejam elas espaciais, sejam elas sociais ou culturais. Conhecer geografia é saber orientar-se no espaço; é compreender as ações que nele ocorrem, os protagonistas dessas ações e qual a nossa posição diante dessa produção do espaço; é reconhecer as individualidades frente às demandas sociais.

A ciência geográfica em sua essência possui responsabilidades relativas à liberdade espacial de qualquer indivíduo inserido num determinado espaço sociogeográfico. Saber “geografizar” no meio em que vivemos é poder cumprir nosso dever de cidadão como, abaixo, descrito:

A educação de crianças especiais é um problema educativo como é também o da educação de classes populares, a educação rural, a das crianças da rua, a dos presos, dos indígenas, dos analfabetos, etc. É certo que em todos os grupos que menciono existe uma especificidade que os diferencia (SKLIAR, 1997, p. 14).

A geografia perpassa por todos os lados, representa-se em distintos campos, nosso dia a dia está permeado pela geografia, quer disso tenhamos consciência ou não. No âmbito da inclusão, buscamos entender a geografia como um balizador na concepção de valores igualitários. Ao considerar as responsabilidades da geografia perante as diversas desigualdades sociais que encontramos, devemos entendê-la como uma ciência disponível a todos, assim como a educação, e não privilégio de uma minoria. É necessário levar o conhecimento a todos que o desejarem ter. A relação entre a concepção de espaço e a de inclusão do ser minoritário aqui defendida pode ser mais bem compreendida pela análise da concepção de Doreen Massey:

Conceber o espaço como recorte estático através do tempo, como representação, como um sistema fechado, e assim por

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

diante, são todos os modos de subjugar-lo. Eles nos permitem ignorar sua verdadeira relevância: as multiplicidades coetâneas de outras trajetórias e a necessária mentalidade aberta de uma subjetividade especializada. (MASSEY, 2009, p. 94).

Se o tempo deve ser aberto para um futuro novo, então o espaço não pode ser equiparado com os fechamentos e horizontalidades da representação. De um modo mais geral, se o tempo deve ser aberto, então o espaço tem de ser aberto também. Conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política. (MASSEY, 2009, p. 95).

Apoiamo-nos no conceito de espaço aberto defendido pela autora para termos uma visão de Geografia aberta, que contemple as multiplicidades pessoais, que seja contemplada por todos e, portanto, não entendida como um sistema fechado e estático. A Geografia também necessita expandir seus compromissos perante os indivíduos que ainda fazem parte deste espaço sufocado; necessitamos de um olhar mais geral, sempre em devir, como citado. Se o espaço geográfico ainda se ampara muitas vezes em noções de representação de um sistema fechado, a Geografia, como ciência fundamental, ainda se sustenta sobre essa noção. Faz-se necessário buscar formas de superar esse paradigma do ser incluso em um espaço.

Questionar um espaço fechado e suas características é questionar também a forma de inclusão de grupos minoritários e seus direitos. Nesta perspectiva, observamos que a Geografia tende a não discutir sua necessidade de conhecimento como ciência para todos. Não estamos fazendo uma Geografia aberta, nossas propostas de estudos não contemplam a todos, não estamos pensando um conhecimento em devir, e sim trabalhando com as Geografias em seus sistemas fechados, não permeáveis, excluindo muitos e incluindo poucos.

Ainda pensando na noção de espaço aberto de Massey, se um espaço com essa característica leva a uma concepção de história aberta, conseqüentemente abre a possibilidade de uma política aberta. Então, podemos indagar: por que não tentamos novas possibilidades de “geografizar”? Essas novas possibilidades representam o eixo central deste trabalho, pelo qual se busca novas formas de pensar a Geografia, novos métodos de ensino, novas abordagens sobre as imagens, e uma delas é saber qual é a função dessa ciência frente à inclusão social de todos, para todos.

Acreditar que a desigualdade social é natural nos parece uma concepção equivocada, ainda que dominante. Igualmente, pensar que todos são iguais parece ser uma concepção equivocada, mesmo do ponto de vista das leis, pois existem aquelas às quais estamos submetidos, porém não estão a serviço de todos e nem se aplicam igualmente.

Propondo uma reflexão na busca da superação dessa desigualdade, amparamo-nos em Mantoan ao abordar a relação entre desigualdade e escala biológica:

As desigualdades naturais são benéficas porque revelam as marcas de novos possíveis na nossa espécie. Eles nos livram da uniformidade e conferem aos seres humanos uma peculiaridade que nos distingue interna e externamente e de outros seres, por mais que eles se aproximem de todos nós, nas escalas biológicas de comparação. Já as desigualdades sociais são produzidas e decorrentes de fatores que envolvem diretamente o controle e a interferência humana e, portanto, passíveis de serem moralmente consideradas (MANTOAN, 2006, p. 77).

Como vemos, não podemos conceber as disparidades sociais como um fenômeno natural, já que é decorrência de interferências humanas. São noções estereotipadas que necessitam ser desconstruídas por

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

todos os que almejam uma geografia da inclusão. Se quisermos levar a geografia a ser um campo do conhecimento necessário ao cumprimento de deveres e leis é também imperativo que observemos o quanto seus objetivos de estudo estão deixando de lado os grupos sociais mais desamparados. Fornecer o conhecimento geográfico a todos ou ao menos aos que o desejarem, passa a ser um dever em devir. Essa concepção de sociedade comprometida com suas obrigações para uma formação mais igualitária diz respeito mais a um direito humano do que simplesmente às características sociais.

Nós, como indivíduos, pensamos diferente uns dos outros e apresentamos necessidades distintas, mas a Geografia como ciência, ou campo do conhecimento tem o dever de fornecer a igualdade de oportunidade de conhecimento a todos. Assim, por meio da Geografia podemos contemplar algumas funções sociais que antes não nos eram acessíveis.

Tendo como referência o livro de Josué de Castro “A Geografia da Fome”, podemos refletir sobre situações de desigualdade e exclusão, em que milhões de pessoas ainda estão vivendo, com inúmeras barreiras e quase nenhum acesso aos bens culturais e sociais, enfim, pessoas desprovidas de suas necessidades básicas de subsistência. Diante dessa realidade, uma inclusão geográfica não representa apenas distribuir melhor o alimento sobre o mundo, mas desvendar as demandas prioritárias para o “desenvolvimento” de uma determinada região.

Como podemos pensar uma Geografia para a construção de um mundo em que as relações de poder, sobretudo as econômicas, não se sobreponham às demandas sociais? Josué de Castro já nos relatava de forma muito clara, como a fome no Brasil é mais relativa às consequências humanas históricas do que diretamente às desigualdades ditas naturais:

A fome, no Brasil, é consequência, antes de tudo, do seu passado histórico, com os seus grupos humanos sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Luta, em certos casos, provocada e por culpa, portanto da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidades, mas quase sempre por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil. Aventura desdobrada em ciclos sucessivos de economia destrutiva, ou pelo menos desequilibrante da saúde econômica da nação (CASTRO, 1984, p. 16).

Esse entendimento do autor ampara nosso discurso em relação às responsabilidades da Geografia e dos geógrafos no que diz respeito à inclusão. Até aqui analisamos a Geografia como disciplina científica, como campo do conhecimento, atribuindo-lhe, como tal, algumas responsabilidades; discutimos pensamentos de ordem espacial geográfica, para adentrarmos mais especificamente na relação entre inclusão escolar e inclusão geográfica.

Acreditamos que uma maneira de minimizarmos as diferentes disparidades do conhecer e fazer Geografia e do conhecer e fazer o mundo, está na reformulação dos princípios que regem a formação escolar básica, na qual uma visão de Geografia Aberta deveria estar cada vez mais presente, e não mais embasada em questões estereotipadas da “Geografia Tradicional”, “Teorética”, “Cultural” ou “Crítica”. Assim, poderíamos projetar novas metodologias, novos métodos e meios de contemplarmos uma sociedade “alfabetizada” geograficamente e inclusiva, seja qual for a vertente geográfica.

PROPONDO A FOTO-SEQUÊNCIA COMO METODOLOGIA EM AULA

Como já mencionamos, esta pesquisa foi efetuada na Universidade Federal de Santa Catarina no curso de Graduação em Geografia, na

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

disciplina de Cartografia Escolar, tendo como ministrante a professora doutora Rosemy Nascimento. No papel de aluno-estagiário ministrei as aulas relativas ao estágio-docência nos dias 23 e 30 de Novembro de 2011, às quartas-feiras, das 18h30 às 22h00, num total de oito aulas.

No primeiro dia de aula iniciamos com alguns questionamentos a respeito do conhecimento prévio dos alunos de graduação em relação aos diferentes conceitos de imagem. Apresentamos duas imagens (Figuras 1 e 2), uma de cada vez e questionamos: “O que vocês veem?”; “O que esta imagem apresenta?”; “Qual é a sua percepção sobre esta imagem?”.

Para entendermos melhor essa questão da percepção e seus efeitos, transcrevemos, abaixo, o que pensa Aumont a respeito:

[...] uma imagem pode criar uma ilusão, pelo menos parcial, sem ser a réplica exata do objeto, sem constituir-se num duplo desse objeto. De modo geral, o duplo perfeito não existe no mundo

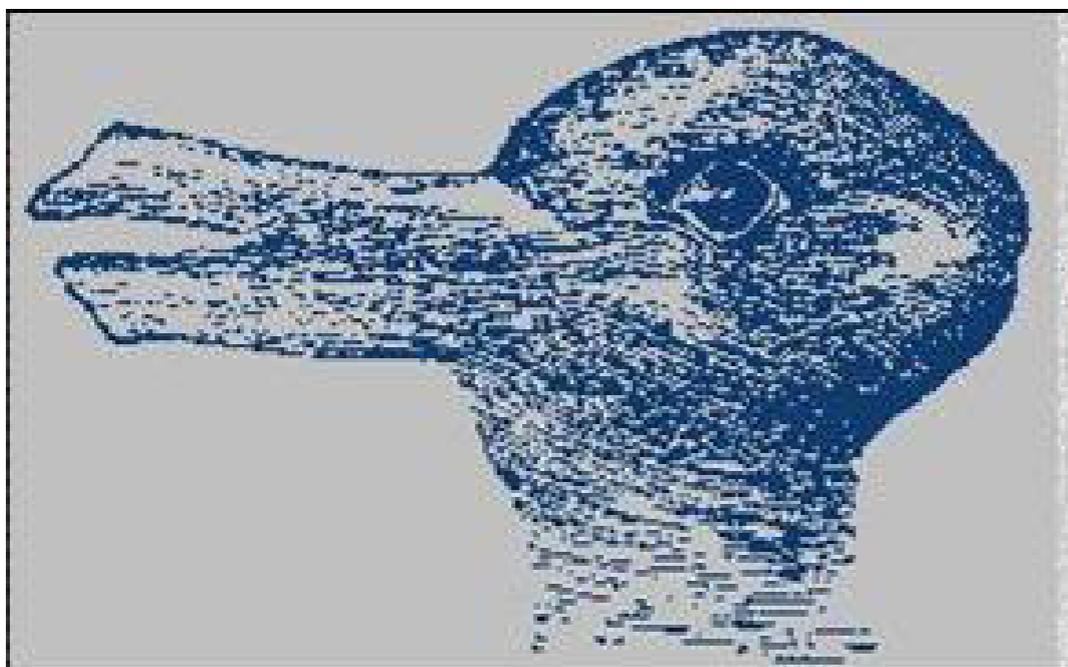


Figura 1 - A ambiguidade de imagens: pato ou coelho

Fonte: Disponível em <<http://sinalizando.blogspot.com/2009/05>>. Acesso em: 29/08/2012.



Figura 2 - O cachimbo de Magritte

Fonte: Disponível em <<http://anyblogiwant.blogspot.com/2010/08>>. Acesso em: 29/08/2012.

psíquico tal como o conhecemos (donde, talvez, a importância fantasmática e mítica do tema duplo, assim como se apresenta na literatura, por exemplo), mesmo em nossa época de reprodução automática generalizada. Entre duas fotocópias do mesmo documento, por exemplo, há sempre diferenças, às vezes ínfimas, que permitem distingui-las quando se desejar. A *fortiori*, a fotografia de um quadro não pode ser confundida com esse quadro, nem uma pintura com a realidade. O problema da ilusão é outro bem diferente: trata-se não de criar um objeto que seja a réplica de outro, mas de um objeto – a imagem – que duplique as aparências do primeiro (AUMONT, 1993, p. 102).

A interpretação das imagens apresentadas acima tende a ter uma característica contraditória em sua representação. Podemos pensar que isso ocorre, entre outros motivos, pela sua insuficiência informativa e pela sua linguagem ambígua. Tais insuficiências ou problemas podem comprometer nosso sistema perceptivo, já que é

basicamente por meio dele, conforme Aumont, que elaboramos nossa interpretação imagética. E conforme nos ensina Aumont:

Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar, pelo menos em parte, o que nela é visto com alguma coisa que se vê ou se pode ver no real. É, pois um processo, um trabalho, que emprega as propriedades do sistema visual (AUMONT, 1993, p. 83).

Voltando às Figuras 1 e 2, durante o questionamento percebemos os anseios dos graduandos em relatar o que interpretavam sobre a Figura 1, certamente por sua ambiguidade. Muitos falaram ser um pato, outros um coelho, outros ainda um pato ou um coelho. Na Figura 2 quase todos falaram: “um cachimbo”. Quando interfeiri após deixá-los ver as imagens em silêncio, perguntei: se aquela imagem fosse um cachimbo conseguiríamos, então, fumar nele? Após esse questionamento e o entendimento de que não podemos fumar neste cachimbo, já que se trata de uma representação, surgiram intervenções relativas à representação de uma imagem: ela é o que quer ser? Ou representa o que é? Para maior clareza desse ângulo de interpretação da imagem e suas características, sua dubiedade ante a representação do real amparamo-nos no trecho, abaixo: “Já insistimos, nos capítulos precedentes, no fato de que olhar uma imagem é entrar em contato, a partir do interior de um espaço real que é o do nosso universo cotidiano, com um espaço de natureza bem diferente, o da superfície da imagem” (AUMONT, 1993, p. 140).

Ao discutirmos sobre a Figura 1, se ela representa um pato ou um coelho, ou os dois, os graduandos começaram a abordar a questão da ilusão, das representações e significados inclusos em uma imagem. Percebemos que essa reflexão foi útil antes de iniciarmos nossa proposta da foto-sequência. A descrição a seguir nos auxiliou na explanação sobre ilusão:

A possibilidade da ilusão é de fato determinada pelas próprias capacidades do sistema perceptivo, na definição extensiva que lhe damos. Só pode haver ilusão se duas condições forem satisfeitas: a) Condição perceptiva: o sistema visual deve ser, nas condições em que está colocado, incapaz de distinguir entre dois ou mais perceptos. b) Condições psicológicas: como também já foi visto o sistema visual, colocado diante de uma cena espacial mais complexa, entrega-se a uma verdadeira interpretação do que percebe (AUMONT, 1993, p. 98).

Acrescentaríamos que a possibilidade de ilusão é também determinada pelas características da própria imagem que permite ser analisada por ângulos de diferentes pontos de vista. No caso da Figura 1, por exemplo, conforme o prisma de visão adotado, houve quem afirmasse ser um pato e quem afirmasse ser um coelho.

Após debatermos sobre essas imagens, apresentamos aos graduandos uma sequência de imagens naturais que representavam o fenômeno do **mimetismo de insetos**, plantas e animais. Algumas delas foram muito questionadas pelos alunos, relatando que não acreditavam como tal fenômeno pode ser tão ilusório. Ao propormos as imagens caracterizadas pelo mimetismo, esclarecemos que algumas delas podem ser facilmente perceptíveis como não sendo ilusórias, mas que para o ser em questão ela é ilusória o suficiente para sua sobrevivência na natureza. Aumont é esclarecedor quando aborda a relação entre imagem e mimetismo:

Há várias espécies de ilusões “naturais” que não foram produzidas pela mão do homem. Citemos o exemplo muito conhecido de insetos cujas capacidades miméticas são surpreendentes: aranhas que imitam formigas, borboletas que possuem uma segunda “cabeça” atrás, insetos que se confundem com galhos onde estão pousados etc. Essas ilusões servem para corroborar o que acabamos de dizer: à eventual perfeição da imitação puramente visual, acrescenta-se quase sempre a perfeita

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

contextualização dessa imitação, que completa o embuste (AUMONT, 1993, p. 99).

Após debater sobre a questão do mimetismo e imagem, passamos mais uma sequência de imagens com representações distintas, mas com valores semelhantes, imagens estas que mostravam a ruptura da geografia com o medieval, período em que a geografia começou a desenvolver-se como ciência empírica. Observamos o caráter descritivo de paisagens de muitas delas, mas percebemos, em grande parte das obras de arte analisadas, a presença do homem na imagem. Grande parte dos graduandos relatou que essas imagens – na maioria quadros dos séculos XVII e XVIII – eram imagens prazerosas, com detalhes perfeitos. Esse comentário propiciou um diálogo sobre o quanto as imagens geográficas evoluíram até os tempos atuais.

A imagem em geral costuma ser vista como uma espécie de extensão da imagem artística. O prazer que ela proporciona é, pois, da mesma ordem, embora seja em outro registro (paródico, irônico, lúdico como na imagem publicitária, por exemplo). Até a imagem documentária, que deve seu valor ao prazer da invenção: os grandes fotógrafos ou cineastas de documentários, de Flaherty a Depardon, são os que mostram seu olhar ao mesmo tempo em que mostram o mundo. Por qualquer ângulo que seja considerado, o prazer da imagem é sempre, em última instância, o prazer de ter acrescentado um objeto aos objetos do mundo (AUMONT, 1993, p. 327).

Passados esses diálogos sobre a epistemologia da geografia e as imagens, lançamos mais três questionamentos aos graduandos: em que ocasião a geografia ampara-se nas imagens? Em qual situação você se utiliza de uma imagem em sua análise geográfica? A geografia existe sem a imagem? Durante essa etapa todos concordaram que a geografia é uma ciência visual, que nos amparamos em distintas análises de

imagens, que os mapas, cartas e fotografias aéreas são cada vez mais caracterizados como pertencentes à geografia. Chegamos à conclusão de que as imagens utilizadas na geografia possuem dois valores: as ditas como reais incontestáveis - mapas, fotografias aéreas - e as que vêm ganhando cada vez mais prestígio – internet, filmes, fotografias comuns – embora em ambos os casos ainda sejam tidas como mero auxílio às diferentes problemáticas pertencentes à geografia. Quiçá, o aprofundamento dos estudos na área possa permitir a reavaliação dessa linguagem e atribuir-lhe seu real valor.

Nos últimos anos, tem se ampliado o número de pesquisas e trabalhos envolvendo as muitas linguagens nas qual o conhecimento geográfico é produzido. Tanto imagens tradicionalmente utilizadas pelos geógrafos – mapas, fotografias aéreas, imagens de satélite – quanto outras menos comuns nos trabalhos geográficos – desenhos, fotografias, pinturas, cinema, televisão – passaram a ser objeto de estudo de profissionais e professores de Geografia (OLIVEIRA JR., 2009, p. 19).

APLICANDO O MÉTODO DA FOTO-SEQUÊNCIA

Uma das funções primordiais da análise é sua função pedagógica. Embora possa se exercer em um contexto institucional como a escola e a universidade, a análise com objetivo pedagógico não se atém a ele. Pode ser feita nos locais de trabalho, na qualidade da extensão cultural, mas também na própria mídia que utiliza a imagem. O que pode ser uma boa maneira de o espectador escapar à impressão de manipulação, aliás, tão temida.

Martine Joly, 1996.

A proposta de Estágio-Docência aqui em pauta teve como objetivos principais apresentar a geografia como campo intimamente vinculado à produção de imagens do mundo e discutir os principais elementos

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

envolvidos na interpretação e produção de imagens por uma abordagem geográfica, refletindo acerca dos métodos de ensino sobre a produção imagética. Tomando como embasamento a citação abaixo, podemos pensar um pouco mais em nossos objetivos propostos em relação aos olhos do observador, aqui nosso aluno, representado como fotógrafo.

Educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós (OLIVEIRA JR. 2009, p. 19).

O desenvolvimento do processo de diálogo e a apresentação de distintas fotografias respectivas à geografia e à inclusão instigaram os graduandos em geografia ao desafio de produzirem sua própria

conhecimento relativo à cartografia escolar, em uma perspectiva inclusiva.

Nessa proposta formaram-se grupos de dois ou três alunos, e cada grupo teria que produzir de três a cinco imagens fotográficas sequenciais, ou seja, uma foto-sequência. As temáticas das fotografias deveriam relacionar-se à geografia. Após a produção, cada grupo as apresentaria para toda a turma.

Foram produzidas 13 fotos-sequências com os mais diversos títulos. Tivemos abordagens relativas à mobilidade urbana, ao ensino de geografia, orientação, cultural local, poluição ambiental, territorialidade, planejamento urbano, cotidiano, e inclusão educacional. Dentre essas 13 fotos-sequências, três abordaram a temática geográfica em uma perspectiva inclusiva. Para os propósitos desta abordagem, uma foi selecionada por melhor aproximar-se dos objetivos desta pesquisa.

A FOTO-SEQUÊNCIA: O TRABALHO DOCENTE E A INCLUSÃO



Figura 3 – O trabalho docente e a inclusão

Fonte: Foto-sequência de Leandro A. Zanluchi e Rafael B. Silveira, 2011

foto-sequência. Pelo fato de a disciplina ser na área de licenciatura em geografia, mas especificamente de cartografia escolar, não fizemos imposições sobre a temática relativa às fotos sequenciais, apenas orientamos sobre a possibilidade de pensarem na geografia por um prisma inclusivo, pois os alunos dessa turma já estavam tendo

A foto-sequência apresentada acima (Figura 3), com o título “O trabalho docente e a inclusão”, foi elaborada pelos graduandos Leandro A. Zanluchi e Rafael B. Silveira.

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

Ao propormos essa atividade metodológica, deixamos bem claro que as imagens captadas ou produzidas não necessariamente precisariam ser de fenômenos reais, poderiam ser simulações de acontecimentos, induzidas ou não. Cada grupo poderia livremente formar cenários, situações e acontecimentos que levariam a um questionamento no âmbito da geografia, em algum sentido.

Nesta foto-sequência os alunos simularam um professor de geografia deparando-se com um aluno com necessidades especiais, mais especificamente a cegueira. Sem saber o que fazer para levar o aluno à compreensão da cartografia – leitura de mapas – o professor teve que voltar a pensar novas metodologias. Frente a essa situação o professor recorreu ao Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar pertencente à UFSC onde são desenvolvidas metodologias e recursos didáticos para alunos com necessidades especiais visuais. Nesse caso, o professor “representado” teve que desenvolver um novo tipo de mapa, com limites em “relevo”, a fim de que o aluno cego pudesse ter uma “visualização” tátil mental sobre a questão abordada em aula.

Não iremos aqui detalhar os acontecimentos ocorridos em aula durante nossos debates e exposições fotográficas; destacamos como as utilizações da imagem em diferentes contextos podem nos auxiliar em nossa docência. Os debates, apontamentos e sugestões pertinentes às 13 apresentações foram de muita relevância. Observamos novos olhares, questionamos cenários e descrevemos conceitos geográficos. Esperamos que esse processo aqui proposto forneça subsídios para aqueles que anseiam desenvolver ou conhecer melhor a relação entre imagem e geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura geográfica de imagens exige uma metodologia visual, não necessariamente limitada a aportes geográficos.

Jörn Seemann, 2009

Durante nosso processo de estudo percebemos o quanto podemos e precisamos evoluir nossas percepções sobre a análise das imagens. Acreditamos que com esta pesquisa tivemos a oportunidade de dialogar com as potencialidades da imagem sequencial no ensino de geografia escolar, debater sobre alguns problemas pertinentes à imagem quando trabalhada geograficamente e contribuir com os profissionais do ensino da geografia que sentem a necessidade de uma metodologia diferenciada para ensinar geografia.

Pretendemos mostrar como a fotografia pode ser um elemento de intervenção nos estudos geográficos, como cada indivíduo apropria-se de elementos de seu cotidiano ao analisar uma imagem. Acreditamos na evolução geográfica que obtivemos ao apresentar a geografia como campo intimamente vinculado à produção de imagens do mundo, dialogando com os elementos envolvidos na interpretação e produção de imagens.

Observamos que uma análise imagética nos fornece diferentes eixos de interpretação e análise do espaço geográfico, provendo-nos novas formas de visão e linguagens, conseqüentemente novas conclusões sobre diferentes demandas. Esta abordagem sobre as imagens pode nos fornecer respostas frente à nossa relação com o espaço geográfico. Compreender as potencialidades da imagem é o mesmo que ser alfabetizado em outra linguagem.

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

Recorrer às imagens pode ser um valioso subsídio, porque as representações em forma de imagens podem nos fornecer um embasamento prévio de diferentes realidades com as quais não temos afinidade, ou até mesmo das quais ainda não temos conhecimento. Defendemos o resgate da transcendência da imagem de que fala Aumont, abaixo. Se, conforme o autor, estamos ainda na civilização da linguagem, que a esta seja incorporada a poderosa linguagem imagética como importante componente na metodologia do ensino da Geografia.

Assim, a verdadeira revolução das imagens, se houver alguma, está distante, atrás de nós, na época em que, ao reduzirem-se progressivamente a mero registro (por mais expressivo que fosse) das aparências, perderam a força transcendente que havia possuído. Pode perceber-se hoje uma retomada da imagem através da multiplicação das imagens: mesmo assim, nossa civilização ainda continua a ser, quer se queira ou não, uma civilização da linguagem (AUMONT, 1993, p. 328).

Acreditamos que a academia necessita voltar mais seus olhares para as abordagens atuais da imagem, e a Geografia como ciência ou campo do conhecimento não pode ficar desatento a esta questão. Somos formadores de cidadãos e de opiniões, necessitamos gerar uma compreensão de mundo mais ampla e um mundo adepto a novas leituras. Essa pretensão de atribuir o devido *status* às imagens na geografia é um processo árduo, dinâmico e desafiador, mas esta aplicação pensada de um ponto de vista pedagógico pode fornecer grande auxílio ao ensino de geografia.

Entendemos que este estudo nos permite afirmar que uma boa análise de imagens precisa primeiramente de um objetivo bem definido, esclarecido e conhecido. Preenchida essa premissa, partiremos para nossas diferentes formas de execução, utilizando

nossas próprias ferramentas para alcançá-lo, que são partes intrínsecas para a conclusão e o resultado esperado. De fato, a análise por si só não contempla o potencial contido em uma imagem, o objetivo deve servir de orientação, uma forma de projeção para elaborarmos nossa metodologia, e isto foi o que aplicamos nesta experiência de ensino.

Nosso objetivo era fazer com que os alunos interpretassem de diferentes formas a relação entre imagem e inclusão educacional. Obtivemos resultados positivos não só ao término das apresentações, mas durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho, desde a análise das imagens, passando pelo planejamento e roteiro da confecção delas, até a apresentação do trabalho final.

Concluimos que o ponto comum entre as diversas significações da palavra “imagem” é o da analogia. Visual ou não, natural ou artificial, uma “imagem” é, antes de tudo, algo que se assemelha a outra coisa. A idealização de sua compreensão está na necessidade de levar em conta alguns contextos da comunicação, da história de sua interpretação e de suas especificidades culturais. Querer analisar a imagem por um viés geográfico e pedagógico pode ser bem mais eficaz do que nossos objetivos iniciais deixavam entrever, portanto, tentar decifrar, analisar e entender o espaço pelas imagens pode nos fornecer grandes resultados no âmbito da ciência geográfica.

A imagem pode nos fornecer instrumentos de intercessão entre o homem e o próprio mundo, desvendar as diversas produções humanas que estabelecem uma relação com o mundo visual, servindo para ver o próprio mundo e interpretá-lo. “Palavras e imagens são como cadeira e mesa: se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas” (JOLY, 1996, p. 115).

Sabemos que durante um processo de docência diferentes potencialidades surgirão em diferentes lugares. Afirmar o quanto foi proveitoso em nossa proposta não quer dizer que todas as outras também serão, mas podemos ressaltar o quanto as análises das

A foto-sequência no auxílio ao ensino de geografia: um olhar sobre a inclusão educacional

Roberto Souza Ribeiro

imagens, trabalhadas em sala de aula, podem fornecer novas visões e maneiras de pensar e refletir sobre o espaço geográfico. O objetivo aqui perseguido foi o de mostrar como o ramo das imagens pode ser utilizado na educação geográfica. Desse enfoque, diferentes problemáticas surgiram e que só nos damos conta ao desenvolver o trabalho, pois nos deparamos com diferentes interpretações e análise de imagens que nos foram propiciadas por essa prática educativa.

Esperamos que ao final deste processo, possamos ter contribuído com o vasto campo do ensino e com as diferentes metodologias, seja essa contribuição em forma de produção teórica ou prática. Acreditamos fazer-se necessário darmos vez a essa temática em pesquisas acadêmicas nacionais, porque “uma educação que tem como objetivo a autonomia do sujeito passa por municiar o aluno de instrumentos que lhe permitam pensar, ser criativo e ter informações a respeito do mundo em que vive” (CALLAI, 2002, p. 103). ☉

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1993. 320p.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Geografia (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALLAI, Maria H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, p. 83-134.
- CASTRO, Josué. **Geografia da Fome: O dilema Brasileiro, pão ou aço?** Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. 318p.
- CAZETTA, Valéria. O status de realidade das fotografias aéreas verticais no contexto dos estudos geográficos. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009, p. 62-71.
- COSTA, Maria H. B. V. da. Espaços de subjetividade e transgressão nas paisagens fílmicas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009, p. 88-109.
- CUNHA, Antônio G. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007. 712p.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007. 340p.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996. 152p.
- MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. 104p.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 312p.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao M. de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009, p. 17-28.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987. 176p.
- SEEMANN, Jörn. Arte, conhecimento geógrafo e leitura de imagens. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009, p. 30-43.
- SKLIAR, Carlos. **Educação & exclusão: abordagens sócioantropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação. 1997. 156p.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981. 178p.

Submetido em Abril de 2012.

Revisado em Junho de 2012.

Aceito em Setembro de 2012.